



Data: 29.03.2020

Título: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



Área: 6611cm² / 78%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



As perguntas
que se fazem
em tempo
de pandemia.
Uma pequena
ajuda da filosofia

P4 a 11

Público
P2

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO
Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Título: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P

P2

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

Na
pandemia
não há fuga
possível.

A filosofia pode ajudar?

Reflexões sobre o que vem, o que deveria vir e o que desejamos que venha a seguir à pandemia da covid-19, sobre o medo da morte, quem salvar, ecologia, limites do Estado e a angústia do isolamento. Uma pequena ajuda da filosofia para a quarentena

Por Bárbara Reis

Vivemos dias estranhos e uma pandemia com características inéditas, mas as questões que emergem são iguais às de outras crises: o medo da morte, quem salvar, o poder do Estado, o confronto com nós mesmos, as marcas que vai deixar, se a seguir virá um “mundo novo”.

Procurámos respostas junto de 11 professores de Filosofia e bioeticistas portugueses, todos fechados em casa de quarentena, do

Norte ao Sul e Açores, dos 45 aos 91 anos, de esquerda e de direita, com visões distantes da vida, da sociedade e da própria filosofia. Não encontrará aqui consenso, muito menos a verdade. Em alguns casos, não encontrará sequer respostas. A filosofia, avisa Maria João Mayer Branco, professora na Universidade Nova de Lisboa – e a mais nova de todos os ouvidos pelo P2 – “faz sobretudo perguntas”.

Uns respondem que não haverá um “mundo novo” depois da pandemia da covid-19. A filósofa Maria Filomena Molder, 69 anos, antiga professora na Nova de Lisboa, fá-lo

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Título: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P

P2

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

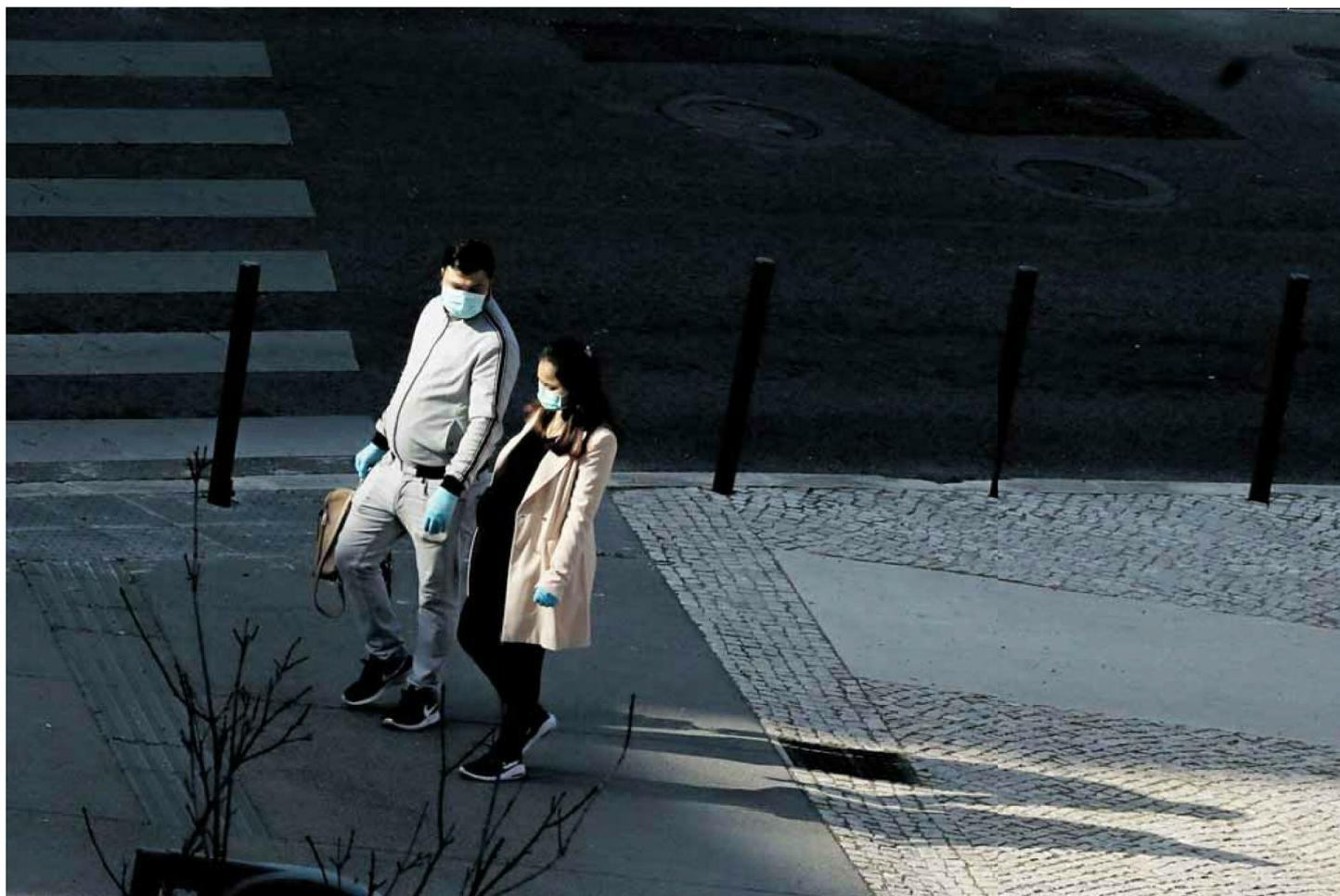
Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

em forma interrogativa: “Entre 1918-1919 (terá começado em 1917 nos acampamentos de guerra), a pneumónica vitimou aproximadamente 100 milhões de pessoas, sobretudo jovens adultos, entre eles Amadeo de Souza-Cardoso. Depois o mundo ficou muito diferente do que era? O nazismo forjou-se no decénio seguinte, tendo o horror dos seus efeitos actuado pelo menos até 1945. Nos anos seguintes, o mundo ficou muito diferente?” António de Castro Caeiro, 53 anos, professor de Filosofia Antiga e Fenomenologia, também na Nova, usa uma forma crua: “As pandemias existem desde as *Historiae* de Tucídides, livro II. Enquanto esti-

ver viva, a pandemia cria ansiedade, muda os comportamentos, é como o dia seguinte a relações desprotegidas ou a uma bebedeira. Depois, dilui-se com o tempo.”

As mudanças pós-pandemia

Outros, como José Gil, 80 anos, autor do *bestseller Portugal, Hoje: O Medo de Existir* (Relógio d'Água, 2004) – e que há dias escreveu um ensaio sobre a “angústia da morte absurda” no qual defende que esta crise é “um aviso do que nos espera com as alterações climáticas” –, dizem que →



Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Título: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P
Público

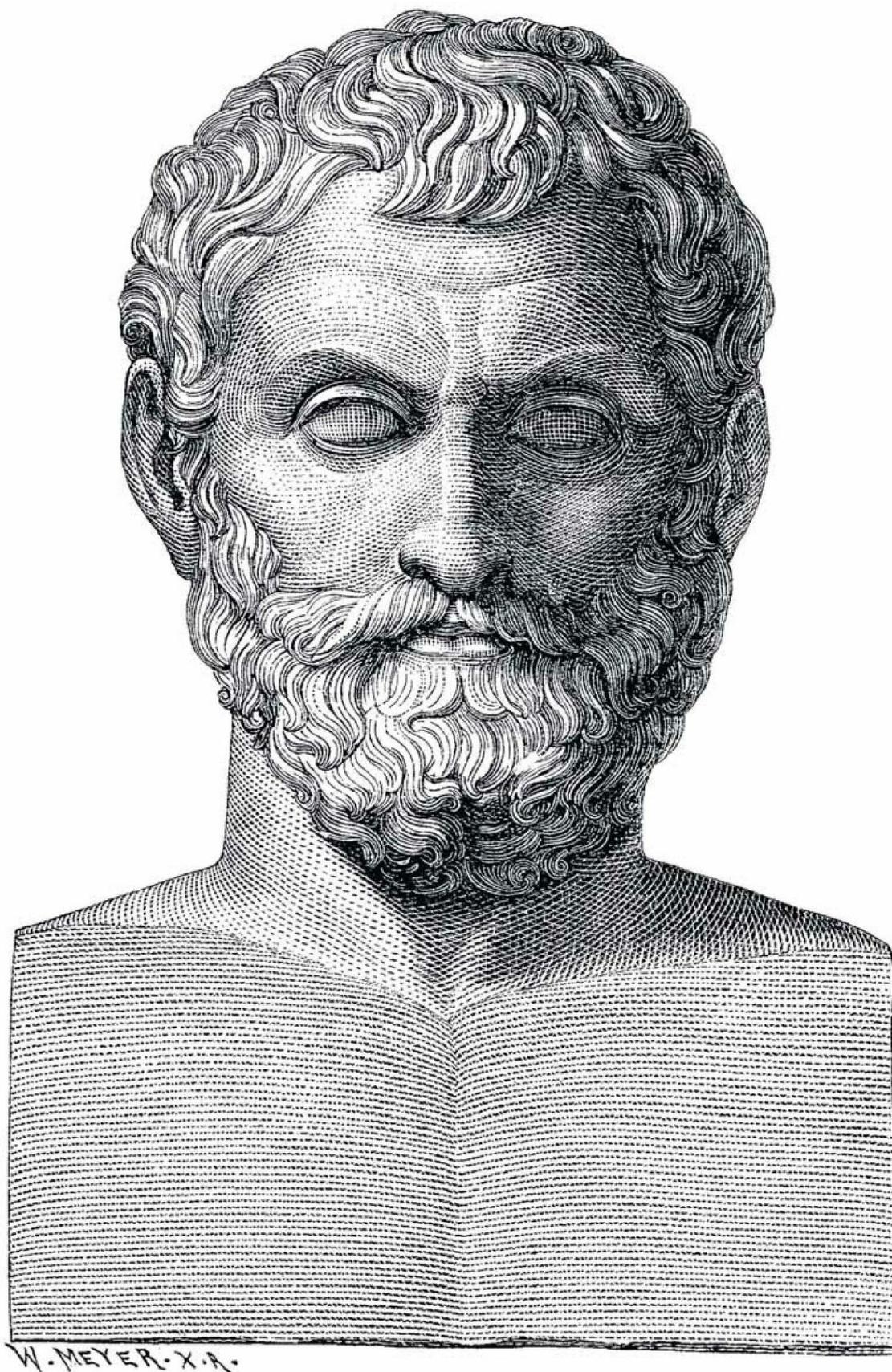
P2
Público

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



Área: 6611cm² / 78%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



“não haverá um mundo novo, mas um mundo em conflito com forças novas, motivações novas, a manifestarem-se”.

Outros, no entanto, antecipam mudanças bem tangíveis. “A nossa maneira de estar no mundo vai mudar”, diz Maria Luísa Portocarrero Silva, 65 anos, catedrática da Universidade de Coimbra, especialista em fenomenologia hermenêutica e ética aplicada. “Acentuar-se-á a necessidade da formação ética da maioria das consciências. Temos vivido sob o paradigma estrito da eficácia e rentabilidade. O filósofo alemão Hans Jonas indica [em 1979], em *O princípio da Responsabilidade*, a urgência de uma nova ética apropriada à civilização tecnológica. Hoje esse prognóstico ainda é pertinente e as suas recomendações imprescindíveis.” A professora está convencida de que “viveremos uma situação semelhante à de um pós-guerra”. Filosoficamente, diz, “isto implica uma tomada de consciência da nossa finitude e da condição falível do humano, apesar dos grandes progressos da ciência”. É forte o contraste, nota, em relação ao ponto em que estávamos antes da pandemia, “quando algumas teorias científicas e filosóficas do Ocidente, como o movimento transhumanista, prometiam que em pouco tempo ‘a morte seria vencida’”.

Para Viriato Soromenho-Marques, 62 anos, catedrático da Universidade de Lisboa e “ambientalista ininterrupto desde 1978” – sublinha –, o problema não é a imortalidade. O que o preocupa é a “doença, talvez mortal e irremediável, da nossa civilização” que “é o delírio da indústria de negação da morte”: “Não se trata do aumento da longevidade, mas do absurdo de prometer a duração ilimitada da vida individual, ao mesmo tempo que se destrói sem dó nem piedade o Sistema-Terra que é o suporte fundamental da vida humana”. Que mudanças anticipa o filósofo para o pós-pandemia? “A normalidade, como a conhecemos antes, não voltará a reconstituir-se. As forças que nos conduziram a este caos, que apenas está a começar, não estão preparadas para outra coisa que não o aumento da desordem. O ‘novo mundo’ que nascerá depois da crise, de duração e dimensão difíceis de aquilatar, vacilará entre a entropia e a reforma. Se olharmos para as actuais lideranças das democracias, de Donald Trump e Boris Johnson, a Jair Bolsonaro, passando pelos paroquiais e assustados regedores dos países da União Europeia, é difícil encontrar sequer a sombra da inteligência e capacidade de coordenação necessárias para mitigar os danos e sofrimentos inevitáveis. A possibilidade de colapso por implosão ou fragmentação (da União Europeia,

por exemplo) é imensa. O nosso absoluto dever é lutar pela reforma. Precisamos de uma grande estratégia mundial para garantir a paz, reinventando o nosso habitar económico e social da Terra.”

Maria do Céu Patrão Neves, 60 anos, da Universidade dos Açores, catedrática de Ética, investigadora de ética aplicada e perita em ética da Comissão Europeia, e que coordenou a colecção de 12 volumes *Ética Aplicada* (Edições 70), fala de “um novo mundo digitalmente formatado”. Era um “processo em curso”, mas que agora “acelerou vertiginosamente”: “O quotidiano tenderá a reinstalar-se, mas novos modos de inter-relação permanecerão. As repercussões serão profundas na organização das instituições, nas actividades comerciais e económicas, com grande impacto no trabalho e na mobilidade”. Especialista em bioética, Patrão Neves anticipa ainda “alterações significativas” na prática médica e nas relações sociais (nas quais “a mediação tecnológica irá substituindo as emoções da proximidade física”) e “uma maior responsabilização individual pela saúde”.

Marcas já visíveis

Também João Cardoso Rosas, 57 anos, professor de Filosofia Política na Universidade do Minho, concorda que haverá um “novo mundo” pós-crise da covid-19. Explica porquê: “É um acontecimento único nas nossas vidas e na História mais longínqua. A globalização faz desta epidemia um evento global. Noutros momentos de acentuada entropia social – epidemias, catástrofes naturais e guerras –, as zonas de crise eram circunscritas e permitiam sempre a fuga a partir de dentro ou o auxílio a partir de fora. Neste caso, a crise está em todo o lado e por isso não há fuga possível nem auxílio externo suficiente.”

Cardoso Rosas diz que as marcas da crise já são visíveis a vários níveis: “Nas relações interpessoais nota-se um aumento dos níveis de *stress* e conflitualidade, provocados pela crise e isolamento social. As consequências para a saúde mental da população serão importantes.” Além disso, há a clivagem entre gerações: “Os mais novos tendem a considerar-se a salvo e os mais velhos vivem aterrorizados ou resignados. A clivagem geracional está a dar azo a uma clivagem societária geral e perigosa. Ouvem-se de novo ideias malthusianas, mais ou menos disfarçadas, quando se pensa que esta epidemia irá dizimar grupos-alvo, como os maiores de 70 anos, os portadores de doença crónica ou os presos. Ou seja, pessoas consideradas mais descartáveis. O discurso de Bolsonaro enuncia estas ideias de forma clara e **Pensar o momento actual**

Area: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Título: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



No topo, turistas numa rua de Lisboa, em tempo de estado de emergência. Em cima, Walter Osswald. Ao lado, em cima, António de Castro Caeiro; em baixo, José Gil e João Cardoso Rosas

Área: 6611cm² / 78%

V. TORINO CORAGEM



ID: 6786616

Cores: 4 Cores

FOTO

Titragem: 72.253



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

tipicamente boçal, ao dizer que pessoas como ele, pessoas 'normais', com saúde e atléticas, estão a salvo e, por isso, a epidemia não é relevante."

Na economia, cuja crise terá "consequências ainda não perceptíveis para a maioria dos cidadãos", o professor antecipa que "todas as sociedades irão empobrecer de forma acentuada" e que "a recuperação poderá ser lenta, precisamente porque não há zonas 'fora' da crise". "Para além das mortes pelo novo coronavírus, muitas outras existirão causadas pelo decréscimo de recursos públicos, falências, desemprego e falta de expectativas de vida. A tendência geral das sociedades após uma guerra ou calamidade consiste em voltar às rotinas anteriores. Isso acontecerá, mas desta vez em plena crise económica."

Em termos políticos, se nesta primeira fase "assistimos ao reforço do Estado e à popularidade dos líderes capazes de tomar decisões, quando a crise sanitária for minimizada e o aspecto mais relevante for a crise económica, o mais provável é que, como sempre acontece após uma guerra externa, muitos líderes terão de sair de cena". Outro aspecto decisivo, diz Cardoso Rosas, será "a comparação entre o sucesso dos regimes autocráticos, como o chinês, no combate à epidemia, e a acção dos regimes democráticos": "O regime chinês mostrou as suas limitações (falta de transparência),

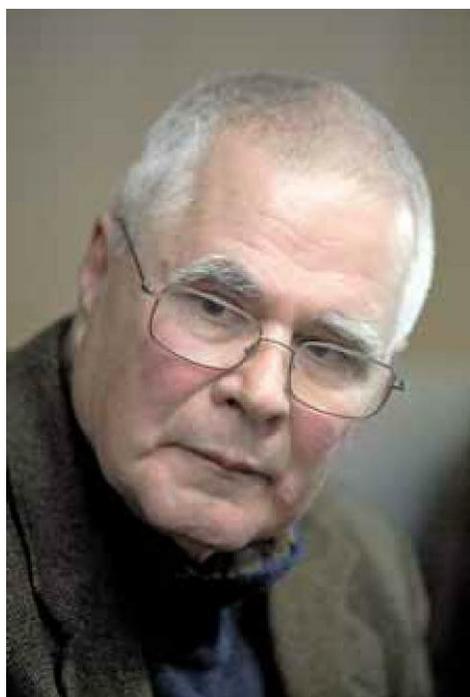
mas também a sua capacidade (assente em parte na restrição sem pejo de liberdades individuais). Por contraste, os regimes democrá-

ticos são mais transparentes, mas têm muito maior cuidado quanto à restrição das liberdades. Se a abordagem democrática tiver claramente menos sucesso do que a abordagem autocrática, isso será um problema no futuro próximo. Muitos regimes democráticos, incluindo na Europa, estão já sob pressões populistas de direita que desejam aplicar políticas nativistas e autoritárias. Se as democracias não tiverem sucesso no combate, poderão entrar em deriva autoritária."

Outra marca política será o acentuar da "tendência paradoxal" para o unilateralismo, em vez do multilateralismo e da cooperação internacional, o que seria lógico numa pandemia global. "Mas não era essa a tendência. Pelo contrário: as crises climática e migratória, que

“

[é preciso] passar da 'solidariedade' para a co-responsabilidade pelo outro
Walter Osswald



mas também a sua capacidade (assente em parte na restrição sem pejo de liberdades individuais). Por contraste, os regimes democrá-

Area: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P
Público

P2
Público

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

são globais e necessitariam de respostas globais, mostraram uma tendência para o nacionalismo e para as estratégias nacionais independentes.”

Também Walter Osswald, 91 anos, médico e professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, ligado à filosofia através da bioética (dirigiu o Instituto de Bioética da Universidade Católica e foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida), diz que “a reflexão sobre esta nova experiência deve conduzir a novas perspectivas sobre a realidade e à forma como desejamos viver a vida, a vida boa que Aristóteles e Ricoeur se esforçaram por definir”. “Fechado o capítulo da pandemia”, diz Osswald, “seria irresponsável fazer tábua rasa do sofrimento, dor e prejuízo para retomarmos os velhos hábitos, a anemia social, o individualismo exacerbado, a tentação do domínio total das forças da natureza, o cientismo acrítico”.

Esperança e desejos

Outra forma de responder à pergunta sobre o que vem a seguir à pandemia é falar de desejos: “Não sei se haverá um novo mundo pós-covid-19”, diz Maria João Mayer Branco. “Mas ousar esperar que se operem mudanças. Que um profundo questionamento – filosófico, crítico e auto-crítico – tenha lugar e oriente as nossas escolhas.” Desidério Murcho, 54 anos, há 12 no Brasil, professor de Lógica e Metafísica na Universidade Federal de Ouro Preto, diz que não é “um sociólogo de bancada” e pede “estudos científicos sérios sobre as sociedades”, pois “é tempo de sair da mentalidade pré-científica e obscurantista quando se fala das sociedades, tal como se saiu disso quando se falava dos planetas, desde o tempo de Galileu”. João Constâncio, 48 anos, professor de Filosofia e director do Instituto de Filosofia da Nova, também é céptico em relação a previsões e opta por falar do que é “desejável”: “Esta crise irá ter (ou já está a ter) uma dimensão comparável com a das crises que se vivem em



Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616

Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



Área: 6611cm² / 78%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P

P2

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

tempo de guerra (o que não equivale a dizer que “é” uma guerra). O que isso pode provocar nas pessoas, sobretudo nas mais jovens, é um sentimento do peso, da urgência e da seriedade da vida que contraste em absoluto com a leveza, a descontração e ligeireza com que se tende a viver hoje nas sociedades que são mais responsáveis pela destruição do planeta. Só um tal sentimento – se for generalizado – pode mudar o muito que precisa de ser mudado no modo como vivemos e nos organizamos. É difícil crer nisso; é ainda mais difícil prever isso; mas é isso que é desejável.”

Mas há mínimos que Constâncio consegue prever: esta crise deixará patente a importância da intervenção do Estado na economia e da construção de um Estado social. “Infelizmente, as outras crises – pelo menos desde 1929 – também nos ensinam que o facto de essa importância ficar patente não impede que seja ignorada, sobretudo a partir do momento em que o pior passa. É claro que todos desejamos que as coisas voltem o mais depressa possível ao ‘normal’. Mas a covid-19 é um sintoma de transformações planetárias muito sérias – de tal modo que, mesmo que consigamos voltar com rapidez ao que havia antes (porque são descobertos métodos de prevenção e cura ou porque a resposta económico-social dos Estados é adequada – longe de ser certo), há o risco de que uma nova crise surja pouco depois do regresso da normalidade. Há vários dias que me ocorre frequentemente o verso do Rilke: ‘Tens de mudar a tua vida’, mas dirigido a todo o planeta, não só a mim.”

Constâncio foi buscar Rilke, Molder foi buscar Sérgio Godinho. Diz a filósofa: “Claro que muitas coisas mudaram [depois das duas guerras mundiais], não vou enumerá-las, saliento apenas a diminuição drástica da mortalidade infantil. Mas a trama por decifrar entre necessidade e contingência mantém-se. No caso, a avidez mercantil que tende, na época em que vivemos, a tornar-se totalitária e da qual destaca a desenfreada violência exercida sobre a natureza da qual fazemos parte: o número de aviões, cheios de pessoas atarefadas a saltar de lugar em lugar, sobrevoando a terra inteira, brada aos céus. Aqui os ensinamentos da canção *Acesso Bloqueado*, do Sérgio Godinho, são insuperáveis. Urgente ouvir.”

Medo da morte

Nesta crise sem “fuga possível nem auxílio externo suficiente”, somos confrontados com os números de mortes ao minuto: 586.140 infectados, 26.865 mortos, dos quais 100 em Portugal. A lista é mediatizada e actualizada em contínuo: 9134 mortes em Itália; 4934 em Espanha; 3296 na China; 2378 no Irão; 1997 em França; 1478 nos EUA; 761 no Reino Unido (dados de 27-03-2020).

“O medo da morte é indefensável e irracional”, diz Desidério Murcho. “O medo de morrer em sofrimento é racional, mas isso deve-se ao sofrimento e não à morte. A morte, em si, é tão irrelevante quanto os imensos séculos em que ainda não existíamos – e que não nos incomodam minimamente.” Diz António de Castro Caetano: “Mal nascês, começas a morrer” (*ab utero matris incipis mori*). Compreender a palavra ‘ex-sistencia’, como estar a deixar de ser, é compreender o facto não anulável da vida. A partir daqui começa-se a filosofar.”

Somos capazes disto? “Não acredito que um número significativo de pessoas seja capaz de sair do seu medo irracional da morte”, responde Murcho. “Ao contrário do que afirmou Aristóteles, os seres humanos não são racionais. Alguns são capazes de exercer a racionalidade, com esforço, mas isso é muito diferente de dizer que os seres humanos são racionais.”

É por causa disso, diz o professor de filosofia política Cardoso Rosas, que, numa crise como esta, “difícilmente os governos poderão deixar de ter em conta a pressão da opinião pública – ela reflecte o medo da morte que, como nos ensinou [Thomas] Hobbes, é a paixão política fundamental. O medo tende à dissolução da própria ordem social, ao ‘estado de natureza’ e, por isso, compete aos governos aplacá-lo e colocá-lo antes ao serviço da adesão à organização política da sociedade. Os governos têm de dar respostas ao medo e ao pânico que dele deriva. Isso acontece de forma mais rápida nos regimes democráticos, mas acaba por acontecer também em regimes autocráticos, como na China – que inicialmente desvalorizou a epidemia. O pânico social tem de ser tomado em conta por qualquer governo. Recorde-se o caso português: o Conselho Nacional de Saúde desaconselhou o fecho das escolas, mas nessa altura já se vivia um ambiente de pânico nas instituições. Depois de ter dito que seguiria a opinião do conselho, o Governo foi obrigado a recuar devido a essa pressão. Noutros contextos, a pressão pública pode funcionar em sentido inverso. Há colégios de especialistas médicos ou instituições médicas que exigem medidas mais gravosas, como nesta fase em Portugal a quarentena obrigatória, mas às quais o Governo resiste devido às consequências na economia e na vida imediata dos cidadãos. Mas se a opinião pública vier a ser convencida da premência da quarentena, o Governo dificilmente deixará de adoptá-la. Seria interessante seguir os países que têm estratégias diferentes da do isolamento social, como a de imunização comunitária. O Governo britânico favorecia essa estratégia, mas teve de abandoná-la por ter compreendido que, face à escalada do número de infecções e mortes que daí resultaria, o próprio Governo não resistiria. A mesma es-

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

tratégia de imunização comunitária está em curso na Suécia, país com um número de habitantes parecido com o nosso e dados da epidemia também parecidos, apesar de não ter fechado escolas básicas, nem empresas. Também aqui a estratégia pode mudar por pressão da opinião pública, sobretudo face à impotência do sistema de saúde na possibilidade, muito provável, de rápida progressão do número de infectados e de mortos.”

Pelo menos desde Platão que “a morte é um tema central na filosofia”, diz Constâncio. Daí a dizer-se que essa reflexão ajuda a domar o medo da morte e conduz a uma afirmação da

“

Em condições de urgência e de perigo difícil de controlar, como é o caso da covid-19, os médicos têm de fazer escolhas que não estavam previstas nem pela sua formação nem pelo modo como as regras da saúde estão instituídas

Maria Filomena Molder

vida vai um grande passo. “É algo que não me parece que se deva ousar afirmar.”

Já José Gil acredita que a filosofia pode ser útil aqui se se “analisar o medo” e se “mostrar como ele pode ser o grande fantasma paranóico”. Feito com “o máximo de racionalidade sensível”, o processo “pode reduzir os efeitos [do medo da morte] no corpo e no pensamento”: “Pensando-o, tomando-o como objecto, coincidindo com ele novamente, e novamente tomando-o como objecto, até ele perder o máximo da eficácia.”

Em *Fédon*, Platão define a filosofia “como uma preparação para a morte”, diz Mayer Branco. “Essa preparação é a tentativa de lidar com o medo e com o espanto face ao escândalo que constitui o facto de morrermos”. Mas esta “preparação filosófica” exige compreender três coisas. A morte “não acontece apenas em momentos críticos, em ‘estados de emergência’ – estar vivo é podermos morrer a qualquer momento, ou seja, a vida é a morte iminente em cada instante. A prática desta consciência traz a noção da nossa tremenda vulnerabilidade e do quanto a vida é valiosa, justamente porque a podemos perder a qualquer momento. Além disso, diz a professora, é importante compreender que “a morte é um limite”, é “o nosso limite, a linha para além da qual se encontra o ignoto, o estranho, o impensável”. Como Kant esclareceu, diz Mayer Branco, “sabemos todos que somos mortais, que somos finitos, que vamos morrer”, mas convivemos “com a tese oposta, a de que a nossa alma é imortal, de que não morremos”, e “não fazemos ideia do que é que isso significa”. E, por último, “a morte é o limite que nos separa uns dos outros e é o que é comum a todos nós, o nosso ‘leito comum’, como escreveu Sófocles – perante a morte, somos todos iguais, somos todos mortais”. “Cada morte é



irredutivelmente singular, cada um de nós morre sozinho. Os humanos são os que sabem, desde muito cedo, que vão morrer: isso distingue-nos dos outros seres vivos. Quando a morte deixa de ser uma abstracção, uma possibilidade remota ou teórica, pode começar a preparação para a morte de que falava Platão, pode começar o exercício filosófico de viver com essa possibilidade diante de si, de a confrontar, de a ponderar, de pensar diariamente nesse impensável que pode estar ao virar da esquina – e não apenas quando um vírus nos ameaça.”

“É a morte que permite a grandeza e transcendência humanas que o jovem Nietzsche dizia ser fonte para a ‘inveja de Deus’”, diz Soromenho-Marques. “A morte é um sinal do mistério da existência.” E, por isso, “continua a ser correcta a tese de Montaigne que faz da filosofia uma ‘aprendizagem da morte’.”

“Embora desde Platão, pelo menos, se tenha pensado que a filosofia era um exercício de preparação para a morte”, diz Molder, “e haja os casos supremos de Montaigne e de Espinosa, aqueles que não fazem da morte a finalidade da vida”, a filósofa destaca “o pensamento sobre os valores de um grande escritor austríaco, Hermann Broch: para ele todo o esforço humano está em transformar o medo da morte em gesto de dar forma à vida, desde fazer pão a um axioma da matemática. Por seu lado, Soren Kierkegaard fez da angústia um mestre de dança. *Let's dance*, como cantou David Bowie. A palavra de Fernando Gil: ‘A vida é um bem, não um facto’ pode ser aqui um guia, pois convida-nos a cuidar da vida, o que não é o mesmo que estar apenas agarrado a ela”.

A filosofia, diz Patrão Neves, “é um exercício crítico constante acerca de cada um, dos outros, do mundo e do transcendente, num plano interpretativo, racionalmente argumentável”: “Reflectir filosoficamente sobre a morte é ganhar a possibilidade de integrar este dado na nossa vida, conferir-lhe sentido e, assim, ganhar poder sobre a morte. A morte deixa de ser um acontecimento extrínseco, para se tornar uma realidade intrínseca à nossa existência. É viver com a consciência de termos os dias contados.” Nonagenário, Osswald diz que todos têm medo da morte e que o medo aumenta quando, em casos de “epidemias, desastres naturais, condições inóspitas e diagnósticos ‘reservados’”, a pessoa se sente “desarmada e sem condições para enfrentar o risco”. Mas na pandemia da covid-19, diz, “sabemos que há procedimentos e atitudes que minimizam o risco do contágio e que, se aderirmos a estas regras seguras, contribuiremos de forma decisiva para nos mantermos sãos e não infectarmos outros – o cuidado em preservar a nossa saúde não é egoísta.”



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11



Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616

Quem salvar?

Outra das questões que emergiram nesta pandemia é a dos médicos que têm de escolher entre quem vão tentar salvar e quem vão deixar morrer, como já acontece em Espanha e Itália. Qual é a resposta mais justa para este dilema, o melhor sistema ético ou como se pesa o equilíbrio de valores?

Maria Filomena Molder: “Respondo com o sentimento íntimo de que [estas perguntas] não podem ser feitas, pois para lhes dar resposta cabal era preciso que o problema estivesse nas nossas mãos. Não nos é permitido perguntar: o que faria eu num caso semelhante? Só na prática real se toma a decisão e aí não se faz a pergunta. Não há teoria que a salve. Na nossa vida trata-se sempre de escolher, de tomar decisões, mas muitas vezes, talvez na maior parte, elas não são nossas ou não são só nossas. Em condições de urgência e de perigo difícil de controlar, como é o caso da covid-19, os médicos têm de fazer escolhas que não estavam previstas nem pela sua formação nem pelo modo como as regras da saúde estão instituídas. Se apenas houver meios para conti-

nuar a fazer o tratamento a alguns e não a todos os infectados em estado crítico, que poderão eles fazer senão seguirem um princípio intuitivo, uma evidência a que a vida obriga, tentando salvar aquele que está mais preparado para resistir? Esse princípio intuitivo tem a ver com a expectativa e o preenchimento das possibilidades. Aquele que viveu mais anos já realizou mais possibilidades do que aquele que viveu menos. As mães e os pais sabem que os seus filhos estão adiante deles, porque esperaram por eles, isto é, o nascimento é um potenciador de possibilidades. A expressão ‘ter toda a vida à frente’ aplica-se às crianças e aos jovens, não tem sentido aplicá-la aos velhos. Isso não diminui em nada a aflicção sem medida que acompanha as decisões em causa, inseparáveis das limitações dos cuidados intensivos. Há uma desproporção que impede o nosso juízo condenatório. Por outro lado, mesmo o melhor sistema público de saúde não poderia estar preparado para uma pandemia como esta. Ninguém e nenhuma sociedade podem viver sob ameaça constante. A vida não é um conjunto indefinido de gestos e técnicas

Distanciamento social

Em cima, rua do Porto em tempo de distanciamento social. Ao lado, em cima, o filósofo e “ambientalista ininterrupto desde 1978” Viriato Soromenho-Marques; em baixo, Immanuel Kant (1724-1804)



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

de prevenção.”

O que diz Osswald, médico e estudioso da bioética? “A primeira coisa é não aceitar que se ponha essa questão dilemática. Temos de afastar os exercícios e inquéritos a que às vezes se recorre para exercer a deliberação ética (do tipo “se o veículo desgovernado for comandado, devemos preferir atropelar uma vendedeira grávida ou um advogado sexagenário?”). Aqui, a resposta, como bem lembrava há dias o professor António Sarmento, que está, com a sua equipa, na primeira linha de combate, reside exclusivamente em critérios clínicos. Assim, se chegarmos a uma situação em que existam vários doentes a ocorrer a serviços e técnicas instrumentais insuficientes para todos, a escolha só pode ser clínica: em face do quadro total (que inclui a idade, mas em que esta não pode constituir um factor decisivo *prima facie*) serão os médicos, em equipa, a decidir as prioridades. É óbvio que aqueles que fossem excluídos teriam que ser encaminhados para outros serviços onde ainda existisse capacidade.”

Caeiro também discorda da lógica dos sistemas e dos dilemas: “Não penso que haja um sistema que possa ser aplicado a não ser na base de uma pressuposição. Platão dizia que num navio a naufragar, havia pessoas que deviam ser salvas e outras não em função das vidas boas ou más. Quem sabe se vamos salvar um Hitler?”

O raciocínio utilitarista não garante a justiça. Nenhum sistema o faz. “O mais justo nem sempre é praticável”, diz Murcho. “Neste caso, o que seria mais justo não é praticável porque envolve juízos sobre o valor moral dos pacientes: se só podemos salvar uma pessoa em duas, é mais justo salvar a pessoa A, que é generosa, altruísta e deu importantes contributos para outras pessoas, do que a pessoa B, que é egoísta, mesquinha, frívola e de tal modo aut centrada que nunca contribuiu para um mundo melhor. Uma vez que isto é impraticável, é comum os médicos usarem medidas objectivas e isso está correcto. Ou seja, se é mais provável que se consiga salvar a pessoa B do que a A, tenta-se salvar esta, sem mais considerações.”

Diz José Gil: “Suponhamos esta dupla situação de pandemia: em situação sanitária controlada, decide-se dar aos mais vulneráveis (idosos e outros) a prioridade dos cuidados médicos. (A decisão contrária seria imoral e indigna). Nesta situação, estava implícito que os menos vulneráveis assegurariam a sobrevivência da população. Mas em situação-limite (uma guerra), em que a população inteira está ameaçada de morte iminente, aceita-se (moralmente) inverter o critério: os mais novos, os que têm mais chances de sobreviver, serão

tratados prioritariamente. Entre estes dois casos extremos, toda uma série de situações pode nascer: nela se situam aquelas em que os médicos italianos e espanhóis se encontram. Elas estão muito perto da situação-limite. Porque é que a moral colectiva aceita duas decisões opostas? Porque as circunstâncias mudaram, mas a atitude ética não mudou. Os médicos que decidiram assim não obedeceram à moral estóica, ou cristã, ou kantiana, ou utilitarista. Não decidiram em nome de um Bem absoluto, de uma lei moral ideal ou de um resultado útil, contando as probabilidades de salvação. Mas, em situações trágicas extremas, incorporaram a dor do drama (o sofrimento dos que morrerão), arriscaram ser objecto das interpretações mais maldosas, e agiram no sentido de trazer o máximo de vida à vida da comunidade. Aqui, também, eles foram heróis. Não se deixaram arrastar por considerações estatísticas ou probabilísticas, mas subordinaram-nas a uma questão maior: como fazer para dar sentido (ou vida, é o mesmo), com o meu acto, à ética da comunidade? Nestas situações-limite, o acto é tão poderoso eticamente que traz o máximo de poder de vida possível.”

Isolados e com tempo

Sobre a angústia do isolamento social - e por alguma razão isolar é um castigo das ditaduras e também dos sistemas prisionais das democracias - pode a filosofia dar uma ajuda? Fechados em casa, como viver este súbito confronto com nós mesmos, sobretudo quem vive sozinho?

Uma vez mais, há abordagens diferentes. Murcho diz que aqui “não é tanto a filosofia que nos ajuda, mas a psicologia positiva, que estuda cientificamente quais as actividades e estilos de vida que mais contribuem para que as pessoas floresçam e se sintam realizadas” e que, “para que se sintam realizadas, as pessoas devem entregar-se a actividades que exigem esforço da sua parte, mas que conseguem levar a bom porto – actividades que valorizem realmente e não as que são fáceis. Talvez uma das coisas mais proveitosas que nesta quarentena as pessoas podem fazer é ler artigos e livros práticos sobre o tema”.

“Pelo menos nestes primeiros dias de isolamento”, diz Constâncio, “muitas pessoas vão descobrir que há muitas actividades que levamos a cabo como fins em si mesmos que têm um prazer intrínseco – um prazer que está na própria actividade e não num fim exterior a ela. A filosofia, a arte, o jogo são assim. Talvez o mundo mudasse se todos descobrissemos isso”.

Como? Um primeiro passo é não preencher o tempo com tarefas que nos tornam insensíveis à própria passagem do tempo, diz Mayer Branco. Em vez disso, é bom “relacionarmo-

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

nos com o tempo nu, de um modo íntimo”. Isso pode “levar-nos para fora do tempo cronológico, do tempo que o relógio mede”, como quando perdemos a noção das horas a conversar, em cogitações com os nossos botões, a ler ou a dançar. “Aquilo a que chamamos tempo manifesta-se de dois modos opostos: o da inexorável sucessão dos minutos, horas e dias (sempre avançando, nunca invertendo a marcha) e o da suspensão (sempre imprevisível) dessa sucessão, na qual o tempo parece parar e ficar concentrado num instante.” Mais do que tornar o ócio útil, diz Mayer Branco, “a filosofia pode ajudar a compreender que o que é desejável é um trânsito entre estas duas possibilidades” e que “a experiência de uma não deve anular a experiência da outra, de modo a que o tempo nos ajude a suportá-lo (a suportarmos), fazendo com que nos sintamos úteis, mas não permitindo que os dias se esgotem numa interminável sucessão de tarefas alienantes”.

O isolamento social e a quarentena também “trouxeram às pessoas cargas de trabalho adicionais, por vezes excessivas ou até abusivas”, diz Osswald, que fala dos “excessos de teletrabalho e de tarefas para alunos”, “difícilmente compaginadas com o ócio e descanso reparador ou até com actividades domésticas básicas, como cuidar das crianças e do lar”. Por outro lado, “sobretudo aos velhos e solitários, cerceou as possibilidades de preenchimento do vazio existencial, através do convívio (amigos, clubes, lares e centros de dia, organizações eclesiais, desportivas, lúdicas) e do comprometimento participativo em actividades (como o voluntariado). As respostas terão de ser diferentes: os sobrecarregados têm de ver reconhecido o seu direito ao descanso e à distração, e os que enfrentam o aborrecimento e o vazio das horas têm o direito a esperar que os outros os ajudem a reencontrar sentido para a sua vida solitária.” Osswald cita o aforismo de John Donne, segundo o qual “nenhum homem é uma ilha, antes parte de um continente” e diz que “o mandamento”, agora, é “passar da palavra ‘solidariedade’ ao conceito de co-responsabilidade pelo outro”.

José Gil lembra que “muito não se pode ainda dizer”, porque a crise e a quarentena mal começaram, mas que “há muita coisa a dizer”. A primeira: “Este confinamento não é um lazer. Mesmo que haja quem consiga transformar este tempo em tempo de ócio, colectivamente isso é impossível. O tumulto e a catástrofe que desabam sobre o nosso país e sobre o mundo todos os dias não podem deixar de nos angustiar. No entanto, além do que a transformação da vida quotidiana traz de novo ao indivíduo – que muitas vezes descobre uma vida nova (mas nunca sossegada e livre) –, está a formar-se um outro espaço de comunicação entre as

peçoas. Trocam-se *e-mails*, poemas, mensagens mais pessoais e próximas, textos, frases nunca anteriormente possíveis. Isto implica uma acção – que se revela necessária, às vezes vital, no fechamento em que estamos. Este espaço colectivo de comunicação (que não é um espaço público ou de opinião pública) vai desenvolver-se e, talvez, modificar um pouco as relações entre as pessoas.” A segunda coisa a dizer é esta: “Os filósofos não são ‘sábios’, detentores de uma sabedoria universal (e de uma ética) a que o Estado e a comunidade deveriam submeter-se. Não têm uma ‘consciência moral’ mais pura do que o comum dos mortais. A filosofia não dá necessariamente respostas – ajuda a pensar e, nessa medida, eventualmente, a viver. Não se peça aos filósofos o que eles não podem dar.”

Quem “vive vergado pelo labor do dia-a-dia” não tem tempo para pedir nada disso nem, diz Portocarrero Silva, “para o espanto filosófico, para as grandes questões da vida, como a morte, o sentido, a virtude, a vontade má, o significado antropológico do político e do religioso”. Quem consegue “estar sozinho” pode tentar – nas palavras de Patrão Neves – tornar-se “mais humilde e tolerante perante os outros e mais autêntico e insatisfeito perante si próprio”.

Como nos ajuda a filosofia neste confronto com nós mesmos? Maria Filomena Molder: “Há na filosofia quem nos ajude. Por exemplo, Montaigne (que não quis ser olhado como filósofo), Nietzsche ou Wittgenstein, que de si próprios fizeram experimentos. É melhor isso do que ser o resultado de experimentos que outros querem fazer de nós. E ainda Pierre Hadot, de quem foi traduzido há pouco *Não te esqueças de viver*. No título está guardado um programa de iniciação à vida que se desdobra num conjunto de exercícios espirituais. Passo a enumerá-los: 1. Atenção ao presente (a coisa mais difícil); 2. Distanciar-se, inventar um pequeno intervalo entre mim e a minha vida, deixar cair; 3. Alargar o ponto de vista, evitar a parcialidade satisfeita; 4. Imaginar a leveza, isto é, exercitar a esperança. Convida-se à sua leitura.”

António Caeiro resolve a questão com uma frase: “Só quem é intrinsecamente livre sobreviverá, quem quis ‘ter’ coisas pode perceber que é pobre. Só o espírito nos salva.”

breis@publico.pt



A tendência geral

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616



Data: 29.03.2020

Titulo: As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

Pub:

P

P2

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5;6;7;8;9;10;11

*das sociedades
após uma guerra
ou calamidade
consiste em voltar
às rotinas*

*anteriores. Isso
acontecerá, mas
desta vez em plena
crise económica*
João Cardoso Rosas



Morte e vida

Na página anterior, a filósofa Maria Filomena Molder; ao lado, *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo* (1513), gravura do artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528), referida pelo filósofo Friedrich Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* (1872), para exemplificar o pessimismo. Em cima, o filósofo, historiador e filólogo francês Pierre Hadot, autor de *Não te esqueças de viver*, citado por Molder como uma obra capaz de nos ajudar no confronto com nós mesmos, que neste tempo de pandemia poderá manifestar-se mais

Área: 6611cm² / 78%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6786616